

Camões e Gregório de Matos: elementos retóricos de louvor presentes no discurso heróico

Assunção de Maria Almondes Leal – UFPI/FSA

Resumo: Discorre-se neste texto sobre o uso de artifícios retóricos usados para compor o louvor de ilustres e guerreiros, presentes no poema épico *Os Lusíadas*, de Luis de Camões e no discurso heróico, sem título, atribuído a Gregório de Matos e Guerra, composto à imitação da referida épica camoniana. Importa observar os expedientes miméticos constituintes do encômio que se busca identificar através do cotejo da proposição, invocação, dedicatória e narração dos referidos poemas, principalmente no que respeita às premissas retóricas que constituem as tópicas exordiais e laudatórias, bem como a composição da *persona* heróica desses gêneros poéticos.

Palavras-chave: Discurso heróico. Camões. Gregório de Matos. Louvor. Imitação.

Riassunto: In questo lavoro, si discute circa l'uso di tecnica retoriche utilizzate per comporre l'elogio di illustri e guerrieri, presenti nel poema epico *Os Lusíadas*, di Luis de Camões, e nel discorso eroico, nessun titolo, attribuito a Gregório de Matos e Guerra, composto ad imitazione di quella l'epica camoniana. Abbiamo tentato di osservare gli componenti del espedienti mimetica del encomio, che cerchiamo di identificare attraverso l'analisi della proposizione, invocazione, dedizione e narrazione di queste poesie, soprattutto in che si riferisce alle basi della retorica che costituire gli argomenti esordio ed elogiativo, e la composizione del *persona* eroico di tali generi poetici.

Parole-chiave: discorso eroico. Camões. Gregório de Matos. Lode. Imitazione.

O exame detido sobre a poesia de vertente retórica atribuída ao poeta luso-brasileiro do Seiscentos Gregório de Matos evidencia que o mesmo toma *Os Lusíadas* de Camões como modelo de composição poética, dando prosseguimento aos fundamentos normatizados pelas preceptivas e tradição coevas, sobretudo quando estas indicam que o imitador deve se servir, em sua imitação, dos escritos de melhores notas, sentenças e conceitos no gênero que irá compor, imitando-lhe as sutilezas e singularidades. Essa premissa pode ser observada no canto heróico, atribuído a Gregório de Matos, gênero misto composto à imitação do poema épico de Luís de Camões.

Como se sabe, a extensa epopéia camoniana é composta de vários episódios distribuídos em dez cantos, cada um deles com um número variável de estrofes oitavadas, que, no total, somam 1102, com versos hendecassílabos predominantemente heróicos, que obedecem ao esquema rimático "abababcc" (rimas cruzadas nos seis primeiros versos e emparelhadas nos dois últimos), os quais são apresentados em linguagem alta e solene como requer o decoro do gênero épico¹. Semelhantemente à épica camoniana, o canto heróico atribuído a Gregório de Matos compõe-se de oitavas rimas com versos hendecassílabos e possui similar estrutura semântica e sonora dos versos, além de seguir o estilo grandiloquo e solene com que Camões trata, em sua épica, os grandes feitos da nação portuguesa, tema cerne do panegírico que tem o capitão *Vasco da Gama* como figura central. Gregório de Matos, em sua imitação desta epopéia moderna, louva os feitos insignes de *Dionísio de Ávila*², guerreiro fidalgo que, numa empresa bélica, lutou e aprisionou com sucesso trinta "facinoros"[sic] no então povoado de Porto Seguro, como nos antecipa a didascália³ do poema: "Ao desembargador Dionizio de Avila Varreyro ouvidor geral do cível deste estado do Brasil indo à Porto Seguro prender trinta e sete facinoros que andavão roubando, e matando naquela povoação, sòmente com cincoenta soldados desta praça e alguns índios, là aggregou ação que sem o favor divino não poderá conseguir esforço humano"⁴. Esse poema atribuído a Gregório de Matos reproduziu literalmente um verso do poema de *Os Lusíadas* em cada uma das trinta estrofes⁵ de sua glosa encomiástica, da qual destacaremos alguns trechos, com vistas à identificação de elementos miméticos, observando-lhes certos lugares-comuns.

¹ No Seiscentos a épica adquire o estatuto de maior elevação entre os gêneros literários, lugar distinto da posição prevista por Aristóteles, na *Poética*, que privilegia a tragédia como o gênero mais elevado.

² É notório, nas poesias atribuídas a Gregório de Matos, como informa João Adolfo Hansen, que "nos gêneros líricos, épicos e encomiásticos, principalmente os últimos, têm destinatários que referem letrados do governo, como o conde do Prado, o governador Matias da Cunha, o desembargador Dionísio de Ávila Vareiro [sic], o secretário Bernardo Vieira Ravasco e outros [...]" (HANSEN, *A sátira e o engenho*, p. 39). Observa-se, nos poemas destinados aos letrados fidalgos, convenções e lugares-comuns do encômio para compor o elogio.

³ Espécie de nota explicativa, não necessariamente do poeta que compôs o poema, que encabeçava os poemas, tradição comum à época de Gregório de Matos.

⁴ MATOS, Gregório de. *Obras Completas*. (Crônica do viver baiano seiscentista). Códice James Amado. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, 2 vols, p. 311.

⁵ No final deste artigo consta como anexa a poesia atribuída a Gregório de Matos, exposta lateralmente às estrofes de *Os Lusíadas*, de onde o poeta baiano retirou o último verso de cada uma das trinta estrofes de seu poema.

Deste modo, seguindo orientação de seu tempo, Camões compôs *Os Lusíadas* à imitação de épicas antigas tais como *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio, fazendo uso de argumentos históricos, mitológicos, políticos e religiosos para celebrar a dignidade do Império português e a exaltação da fé “verdadeira” para efeito didático e moral. Em semelhante veio didático de se emular os bons poetas em suas composições, Gregório de Matos se serviu de elementos da epopéia do emuladíssimo Camões para realizar a feitura de seu canto heróico, gênero misto com a presença marcante de vários elementos épicos. Ressalte-se que esse procedimento gregoriano de imitar a épica era frequente no Seiscentos ibérico, uma vez que, por falta de uma normatividade que desse conta dos numerosos gêneros que então circulavam, a tendência era que essas novas composições se acomodassem aos gêneros mais bem estabelecidos, como a epopéia e a tragédia. Destaque-se que, na época a que nos reportamos, o crédito máximo é efetivamente concedido ao gênero épico, como se verifica nas justificativas de Manuel Pires de Almeida, no seu *Discurso sobre o poema heróico*:

Tem a ação mais perfeita, porque não há mister ajuda de outros, como a trágica dos representantes; o misto induz matérias diversas; consegue maior admiração e deleite; usa do metro mais nobre; e ultimamente a épica é um montão de tragédias (como diz Aristóteles) e como o todo é mais nobre que sua parte, o fica o heróico, respeito da tragédia e dos mais poemas inferiores. Lançados destes fundamentos, por símbolo de sua fortaleza e veneração, davam os antigos coroas de carvalho aos poetas heróicos, como notou Júlio César Scalígero na sua *Poética*, L.1, c. 41.⁶

Portanto, imitar um poema épico de um autor consagrado funcionava como um meio de legitimação de um poeta que visava a ascender⁷ na tradição poética.

Como é sabido, a epopéia se situa como discurso heróico, subgênero do epidítico e tem como objetivo louvar os grandes feitos dos homens bons, necessariamente melhores do que somos⁸, cujo verossímil e equivalência decorosa encontra lugar propício de representação no discurso elogioso.

⁶ ALMEIDA. Discurso sobre o Poema Heróico. (Manuscritos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Lisboa). In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, a. 2, n. 2, 2006, fl. 629v. Disponível em: <www.ufes.br/~mlb/reel2/AdmaMuhana.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2007.

⁷ PIRES, Maria da Conceição Ferreira. Manuel Pires de Almeida e a Reinvidicação de uma Nova “Homologia” para *Os Lusíadas*. In: *Revista Camoniana*, 3ª série, vol. 17, Bauru, SP: 2005, p. 110.

⁸ ARISTÓTELES, *Poética*, 1448a4.

Entretanto, para que o discurso elogioso ou panegírico consiga os efeitos de verossimilhança necessários à adesão do público, o poema segue alguns procedimentos preconizados pela retórica, alguns deles fundados, por exemplo, na amplificação das predicções do sujeito do encômio, para realizar a composição do exceler. Neste caso, o artífice deve se manter atento aos conhecimentos circulantes e aceitos pela recepção, pois o “opinativo” ou um pensamento circulante, segundo pondera Marcello Moreira, “constitui a base de adesão a partir da qual o discurso poético é produzido com vistas a ser aceito pelo público a que se destina”⁹. Nesse sentido, para atingir o efeito de verossimilhança, o poema deve respeitar os caracteres agentes “cujas ações e palavras condigam, primeiramente, com a sua idade, condição, sexo e nação, critérios primeiros na produção da caracterização”¹⁰, sendo a consecução desses critérios que tornam o poema digno de confiança. Certamente esse tipo humano modelar, digno de emulação pelos pósteros, somente existe dentro dos discursos elogiosos que o produzem¹¹, o que permite afirmar que o artífice somente irá compor um poema em que a caracterização das personagens seja verossímil, se possuir o domínio dos preceitos da imitação, isto é, o conhecimento dos decoros próprios do gênero e matéria.

Importa trazer à luz que “a caracterização ou personificação que se dá no elogio é operada por meio do preenchimento de lugares-comuns retóricos (*loci a persona*) aplicados para construir o caráter virtuoso”¹² do ser elogiado. De maneira que o artífice, ao compor esses tipos, deve agir em concordância com as pragmáticas retóricas e poéticas que prescrevem as normas, como também atentar para os usos poéticos, pois os bons usos é que disseminam os decoros específicos dos gêneros, tornando-os aceitos pela comunidade receptora dos poemas, que os recebe sem maiores estranhamentos, na medida em que os destinatários compartilham dos códigos textuais ou convenções pré-estabelecidas, a exemplo das dilatadas adjetivações que qualificam o herói épico, cuja superioridade das ações, essencialmente acima dos feitos hodiernos, é plausível e, portanto, aceita, pois conforma-se ao *ethos* heróico que compõe a figura do encômio.

⁹ MOREIRA, *opus citatum*, p. 133.

¹⁰ MESNARDIÈRE apud MOREIRA, *opus citatum*, p. 131.

¹¹ MOREIRA, *opus citatum*, p. 131.

¹² *Idem, ibidem*, p. 135.

Dentre as várias convenções para a épica está o modo enunciativo composto ou misto, diferentemente da tragédia e da comédia, que assumem a narrativa dramática, em que os personagens falam diretamente. A tradição, desde Aristóteles, subministra ao épico a utilização de narrativa mista (diegética e mimética), em que ora o narrador apenas expõe os fatos, ora as personagens falam diretamente. Assim, para ilustrar o argumento, esse filósofo utiliza-se, em sua *Poética*, do exemplo de Homero, segundo o qual teria realizado com excelência a imitação:

Homero, que por muitos outros motivos é digno de louvor, também o é porque, entre os demais, só ele não ignora qual seja propriamente o mister do poeta. Porque o poeta deveria falar o menos possível por conta própria, pois assim procedendo, não é imitador. Os outros poetas, pelo contrário, intervêm em pessoa na declamação e pouco e poucas vezes imitam, ao passo que Homero, após breve intróito, subitamente apresenta varão ou mulher, ou outra personagem caracterizada.¹³

Segundo Marcello Moreira, tratar de poesia encomiástica produzida no Seiscentos exige necessariamente o conhecimento dos preceitos retóricos de que se valeram os poetas do Estado Monárquico e do Antigo Regime para produzir as espécies do subgênero elogioso do epidítico¹⁴, o que implica conhecer “os procedimentos próprios do gênero retórico no qual se efetua um objeto particular”¹⁵. Logo, para além dos decoros poéticos, a análise dos poemas requer a compreensão dos fundamentos retóricos que os embasaram, principalmente quando se trata de discurso heróico, que constitui gênero eminentemente retórico. A esse respeito, importa informar que a *Retórica* aristotélica, ao dividir os discursos em judicial, deliberativo e demonstrativo ou epidítico, divisão que, segundo Quintiliano, “se contentaron todos los antiguos de mayor nombre”¹⁶, delegou ao epidítico o fim de vituperar os vícios e louvar as virtudes, princípios que bem se adéquam aos ofícios da poesia, sendo que as poesias que se ocupam do louvor, como a epopéia, são qualificadas como

¹³ ARISTÓTELES. *Poética*, cap. 24, 1460a5-11.

¹⁴ MOREIRA, *opus citatum*, p. 146.

¹⁵ PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001, p. 12.

¹⁶ QUINTILIANO, *opus citatum*, libro, tercero, cap. IV. § 146.

exornativas, como é o caso do panegírico¹⁷, o genetlíaco, a oração lústrica, o epinício¹⁸, dentre outros. Nesse sentido, é possível localizar em tratados coetâneos instruções específicas do gênero épico, como é o caso do *Discurso sobre o poema heróico*, discurso em que Manuel Pires de Almeida atualizou alguns preceitos importantes deste gênero discursivo, para o qual prevê como divisão quantitativa o prólogo, a proposição, a invocação, a dedicatória e a narração, além de instruir sobre os elementos que compõem cada parte. Com base nessa divisão, serão destacados alguns desses componentes retóricos observados nos poemas em análise, visto que, como discurso heróico, imitaram decoros coetâneos exigidos às temáticas laudatórias e observada a atuação desses elementos discursivos nos dois poemas sob enfoque.

É notório, no princípio dos poemas em estudo, a aplicação de premissas exordiais em que se realizam postulados da *proposição*, parte retórica do panegírico que tem por fim apresentar a elevada matéria de que irá discorrer¹⁹, o que os poemas realizam em tom altivo e solene, com vistas a adquirir a moção e a benevolência do leitor ante a matéria apresentada, pois, como dizia o anônimo da *Retórica a Herênio*, o início do poema é ocasião em que “deixamos os ouvintes com boa disposição de ânimo”²⁰. Sobre essa parte introdutória do discurso heróico é apropriado pontuar as esclarecedoras considerações de Manuel Pires de Almeida, quando afirma que a *proposição*

é o lugar primeiro da obra, em que propõe o poeta o que intenta cantar nela: esta seja breve e clara, possível, e em a qual não se ponha o nome próprio do príncipe, ou herói, senão usando-se de perífrase; em tudo o mais dela não haja circuncisão, nem rodeio algum, senão que o poeta em brevíssimas razões diga o que pretende cantar, compreendendo na proposição toda a ação da fábula e captando atenção com prometer coisas dignas de serem escutadas.²¹

¹⁷ ALCAÇAR, Bartholomeo. *Delicioso jardim da Rhetorica, tripartido em elegantes estancias, e adornado de toda a casta de flores da eloquência (...)*. Lisboa, Officina de Manuel Coelho Amado, 1750. O panegírico, conforme instrução do padre seiscentista Bartholomeo Alcaçar, “he Oração, com que celebramos toda a vida de huma pessoa” (*opus citatum*, Livro I, p. 43), e que convém dividi-lo, segundo o mesmo autor, em exórdio, proposição, narração, confirmação e peroração, cada parte com suas especificidades discursivas.

¹⁸ Desses gêneros do discurso tratou Bartholomeu Alcaçar na obra supracitada.

¹⁹ ALMEIDA, Manuel Pires. *Discurso sobre o poema heróico*, fl. 633v.

²⁰ *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005, Livro I, p. 57.

²¹ ALMEIDA, *opus citatum*, fl 633v.

Esses aspectos enunciados nas considerações de Pires de Almeida sobre os procedimentos introdutórios do poema são devidamente observados na composição gregoriana, como se verifica a seguir:

Gregório de Matos (estrofe 1)

Herói Númen, Herói soberano,
Cujo esforço, e conceito peregrino
Transcende os termos do limite humano,
E quase logra foros de divino:
Ouvi, se é, que as grandezas do Oceano
Cabem neste clarim tão pouco fino,
Que mais preclara tuba, e voz merece
Cam. Quem a tamanhas cousas se oferece.²²

Nessas estâncias iniciais do poema, o ser do encômio é apresentado pela perífrase *Herói Númen*, qualificação recebida pela soberania do combate empreendido na vitoriosa batalha de Porto Seguro, em que os esforços do herói superaram os “termos do limite humano” e quase lograram a este “foros de divino”, de forma que o prólogo, pelo estilo elevado com que apresenta a matéria de que irá tratar, demonstra sincronia normativa aos decoros instituídos ao gênero épico. Pelo *exórdio*, nota-se que a *persona* poética demonstra que conhece os lugares retóricos preconizados e a necessidade do cumprimento dos mesmos para a consecução de seu ofício ante a audiência que, cientes dessas normatizações e modelos convencionados, inspecionam os decoros do que lêem e ouvem. Como artifício para louvar o encomiado e para captar a benevolência do leitor, nota-se que o enunciador poético mantém certo distanciamento hierárquico ante a matéria e o herói apresentados, ao deixar o leitor de sobreaviso que tratará de coisas tão altas que a sua pena não será capaz de fazê-lo condignamente, postando-se de maneira humilde ante a grandeza do herói e da matéria do louvor, o que certamente se trata de um entre tantos artifícios retóricos. Reconhece-se, neste caso, o artifício retórico denominado modéstia afetada²³ (*infirmetas*), também denominado humildade

²² MATOS, *opus citatum*, p. 311.

²³ Robert Curtius, no livro *Literatura européia e Idade Média latina*, ao tratar de várias tópicas presentes nos discursos, desde os tempos antigos, e particularmente de “Os Topoi do Indizível”, acentua que a raiz desses *topoi* é a “acentuação da incapacidade de dominar o assunto” e que esse procedimento discursivo ocorre desde Homero e se estende por muitos outros autores de renome que, em seus panegíricos, argumentam que suas penas não estão à altura de louvar os feitos do sujeito do encômio, agindo assim como forma de valorizar a pessoa homenageada (CURTIUS, *opus citatum*, p. 213-214).

fingida, recurso que constitui tópica muito em voga na poética seiscentista e, particularmente, no panegírico que aciona este lugar-comum, segundo a retórica, como mecanismo de consecução da benevolência do leitor, como meio de torná-lo receptivo ao discurso. Esse artifício da humildade é posto em prática pela *persona* de Gregório de Matos quando enuncia: “ouvi, se é, que as grandezas do oceano/ cabem neste clarim tão pouco fino”. Repare-se, nessa sentença, que a voz que fala no poema, ao assumir certa rusticidade para laborar a poesia, conjuga dois lugares retóricos: a modéstia afetada e o *labor limae*²⁴ horaciano, (noção relacionada à advertência de Horácio, ao preceituar que a obra de arte deveria ser aprimorada por longos dias antes de ir a público), pois, ao se assumir precária ante a matéria, caracterizando a si própria como “clarim tão pouco fino”, a *persona* realça a consciência de sua precariedade para dispor do devido tratamento que a matéria requer, ao tempo que demonstra o anseio por se aprimorar em busca do refinamento artístico.

No caso de *Os Lusíadas*, a apresentação se estende no decorrer de três estrofes, nas quais expõe, por ocasião da *proposição*, a matéria de que irá tratar. Vejamos essa parte do poema camoniano:

Os Lusíadas - Canto I

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram; (estrofe 1)

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (estrofe 2)

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;

²⁴ HORÁCIO, *opus citatum*, p. 63. Nesta obra é constante a afirmação de que a obra de arte necessita de árduo trabalho, por parte do artífice, para conseguir um bom resultado, como no excerto seguinte: “você, descendentes de Pompílio [lendário rei de Roma], retenham o poema que não tenha sido apurado em longos dias por muita rasura, polido dez vezes até que uma unha bem aparada não sinta asperezas”.

Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta. (estrofe 3)²⁵

Nas duas primeiras estrofes, Camões apresenta a ilustre matéria do poema e, em seguida, na terceira estrofe, leva a termo a amplificação²⁶ da grandeza e imponência de seu canto, ao enunciar que é grande porque canta “o peito ilustre Lusitano/ A quem Netuno e Marte obedeceram”, pois canta matéria tão elevada capaz de superar as mais renomadas autoridade antigas: “Cesse tudo que a Musa antiga canta”, pois cantará coisa de mais alto valor superando a tradição épica antiga.

À *proposição* se segue a *invocação*, parte do poema em que a voz narrativa roga pelo auxílio das musas, deuses ou outras entidades que possam fazê-lo ou, nos termos de Manuel Pires de Almeida,

Invocação, é donde o poeta invoca socorro e ajuda divina, para poder começar e acabar o intento; há de ser breve também; e esta se pode repetir na narração todas as vezes que se oferece tratar de coisa grave e de importância²⁷.

Esse expediente da invocação é comum aos dois poemas sob análise, sendo que a *persona* gregoriana, ao invocar auxílio às musas, procede nos seguintes termos:

Gregório de Matos (estrofes 2 e 3)

Tu, que abres o cristal da Aônia fonte,
Ó doce Musa, se até agora ingrata,
Solta a corrente, porque em verso conte,
O que só cabe em lâminas de prata:

²⁵ CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas* (1524?). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

²⁶ A respeito dessa técnica da amplificação ou sobrepujamento, útil ao panegírico, Curtius assinala que “se uma pessoa deve ser ‘louvada’, é preciso mostrar que ela supera tudo o que lhe é semelhante, servindo-se, para esse fim, de uma forma especial de comparar que denomino ‘sobrepujamento’”, o que se dá, reitera Curtius, com vistas a provar a superioridade do ser eleogiado sobre aqueles a quem a tradição impinge ser excelente naquele aspecto comparado. Esse artifício, conforme o mesmo estudioso, tem emprego sistemático iniciado por Isócrates (*opus citatum*, p. 216, nota 64). É válido lembrar que Quintiliano (Inst., Orat. VIII, 4, 9) nomeia “amplificação” esse instrumento discursivo, trazido por Curtius como “sobrepujamento”, sobre o que esclarece: “A amplificação, baseada na comparação, pede aumento aos menores”, ao referir que o ser louvado há de ter nos discursos os caracteres virtuosos amplificados.

²⁷ ALMEIDA, *opus citatum*, fl.633v.

Fecunde esse cristal tão duro monte,
Que se fluido, e belo se desata.
Eu farei, que se admire no universo
Cam. Se tão sublime preço cabe em verso.

3 Sê pródiga comigo, porque vejo,
Que hei de cantar proezas levantadas,
E do ouro, que cria o Lago Tejo
Te farei uns pendentas, e arracadas:
Põe, Musa amada, fim ao meu desejo,
E terás para o colo as congeladas
Lágrimas puras, e no dedo amante
Cam. Outra pedra mais clara, que diamante

O ato de invocar as musas representa, em certa medida, signo de humildade da *persona* elocutória, pela demonstração de uma suposta incapacidade do engenho para atender plenamente à composição do poema, como se a realização do mesmo dependesse necessariamente desse auxílio. É o que se percebe na invocação do poema gregoriano quando a voz enunciativa roga às musas para fecundar “esse cristal tão duro monte” como condição de êxito do discurso. A importância da musa para a correnteza do poema é tanta que a *persona* promete agraciá-la com valorosas prendas, como jóias de ouro e diamantes, pelo cumprimento do pleito. Na épica camoniana, os rogos aos auspícios das musas (Tágides, ninfas do rio Tejo) são desferidos com clamor, para que a obra resulte tão sublime quanto o assunto proposto:

Camões (canto I, 4, 5)

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou fruta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

Observe-se que, ao rogar pelo auxílio das divindades, a *persona* poética determina que estas devem atentar para as exigências da matéria, pois, se antes cantava apenas em verso humilde – “Se sempre em verso humilde celebrado/ Foi de mim vosso rio alegremente” –, agora diz necessitar de “Um estilo grandiloquo e corrente” adequado à matéria que cantará: “Dai-me igual canto aos feitos da famosa/ Gente vossa, que a Marte tanto ajuda”. Dessa forma, o eu poemático, ao tempo que solicita o auxílio a tais divindades, parece avisar ao leitor/ouvinte sobre a ciência dos decoros poéticos, uma vez que, sendo matéria alta, o estilo também deveria sê-lo.

Em outras ocasiões, no decorrer do poema, o eu poético camoniano recorre também à ajuda de entidades divinas para auxiliá-lo na composição. No Canto III, estrofes 1 e 2, tem-se a invocação de Calíope, musa da eloquência e da poesia épica e outras divindades como as ninfas do Tejo e do Mondego, presentes no canto VII estrofes 78 a 87; e no canto X, estrofes 8 e 9 e 145, Calíope torna a aparecer:

Agora tu, Calíope, me ensina/ O que contou ao Rei o ilustre Gama:/ Inspira imortal canto e voz divina / Neste peito mortal, que tanto te ama. (Canto III, estrofe 1)

Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,/ Como merece a gente Lusitana;/ Que veja e saiba mundo que do Tejo/ O licor de Aganipe corre e mana. (Canto III, estrofe 2)

Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,/ Por caminho tão árduo, longo e vário!/ Vosso favor invoco, que navego (Canto VII, estrofe 78)

Aqui, minha Calíope, te invoco/ Neste trabalho extremo, por que em pago/ Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,/ O gosto de escrever, que vou perdendo. (canto X, estrofe 8)

Em sequência às partes introdutórias, nos dois poemas, tem-se a narração, parte do poema que, segundo Bartholomeo Alcaçar, tem por fim ordenar em um ou mais capítulos a matéria proposta pela voz que fala no poema²⁸. No caso desse panegírico gregoriano, a sucessão dos fatos narrados está em concordância com os postulados do referido autor, quando aconselha principiar a narrativa enumerando as virtudes do ser louvado e os exemplos buscados em sua vida, momento em que, por ocasião do louvor, o poeta recorre ao *exemplum* e promove uma comparação entre Dionísio de Ávila e

²⁸ ALCAÇAR, *opus citatum*, cap. I, p. 44.

imponentes figuras de heróis da mitologia (Pactolo, Marte e Apolo), realizando, como artifício retórico, a amplificação das predicções do ser elogiado, o que se pode constatar nas estrofes 4, 5 e seguintes:

Nesta do mundo a mais mimosa parte,
Em cujo soberano, e fértil pólo
Vos reconhece o mundo novo Marte,
Onde vos representa novo Apolo:
Inculcando o valor, engenho, e arte
Inveja dos murmúrios de Pactolo,
Mostrastes nesta ação, que tudo alcança
Cam. Em uma mão a pena e noutra a lança.

Para vencer os fortes adversários
Vibrastes valeroso a dura espada,
Para prender aspérrimos contrários
Inculcastes idéia celebrada:
Valor, e engenho foram necessários,
Porque soubesse a fama remontada,
Partistes tão guerreiro, quão fecundo
Cam. Ameaçando terra, mar, e mundo.

Note-se que a estrofe 4 inicia a narrativa apresentando a partida de Dionísio de Ávila para o combate heróico, em que o herói é descrito como detentor de incontestes virtudes de guerreiro cortesão, possuidor de engenho e arte, virtudes axiais do nobre herói, descritas no verso “Mostrastes nesta ação, que tudo alcança/ Em uma mão a pena e noutra a lança”, premissas capazes de qualificá-lo como mais arдил que o próprio Marte (deus da guerra entre os romanos). Desta feita, utilizando-se do lugar-comum retórico, o topos *armas e letras*, estabelece-se o perfil de um típico personagem épico, cuja narrativa dos feitos deverá dar conta de confirmar, através da sucessão dos fatos, os decoros instituídos.

No caso de *Os Lusíadas*, a narrativa propriamente dita principia *in medias res*, no Canto I, estrofe 19, narrando a viagem de *Vasco da Gama* e não o caracterizando.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via-Láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Do ponto de vista do foco narrativo, os dois poemas assumem o modo narrativo misto, conquanto prepondere em ambos o modo exegetico ou diegetico, em que a *persona* poética ou o “poeta”, como dizem os textos coevos, fale por sua própria voz narrando os fatos. No poema gregoriano, somente observamos uma passagem em que a personagem se pronunciasse diretamente, assumindo assim a postura dramática ou mimética, situação localizada na estrofe 18, versos 5, 7 e 8, em que a personagem *Dionízio de Ávila* se posiciona com sua própria voz:

Nada lhe val que o Cabo diligente
Futuros antevendo, inopinados,
Fiado em Deus anima a sua gente
Talvez com a espada, e tal com os brados:
Esta é ocasião (diz o valente
Jurisconsulto aos férvidos soldados)
Que sempre alcançará fama perfeita
Cam. Quem do oportuno tempo se aproveita.

Enquanto no poema camoniano, embora predomine a narrativa pura ou diegética, a interferência de personagens que se pronunciam diretamente se dá em várias passagens do texto. O herói *Vasco da Gama* se manifesta diretamente a partir da terceira estrofe do canto III e se estende por quase todo o canto:

Canto III, estrofes 3 e 4

Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
"Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

"Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio,

Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.

Nos cantos IV e V, *Vasco da Gama* volta a se pronunciar diretamente e, no canto VIII, pode se verificar a fala de Paulo da Gama.

Para além dos elementos estruturais, importa cotejar alguns aspectos relativos à caracterização das *personas* heróicas presentes nos dois poemas sob análise, posto que, segundo nos informa Marcello Moreira, quando da observação dos caracteres agentes das *personas* poéticas do subgênero laudatório, diz verificar

na Europa do século XVI e XVII, uma interseção entre poética e política, já que as preceptivas estabelecem como matéria do louvor apenas aquelas pessoas cuja condição de vida se ajuizava apropriada ao encômio²⁹

Nesse sentido, o encômio tinha um papel político norteador de condutas éticas e morais, na medida em que as virtudes desses heróis cortesãos serviam para estatuir e preservar a memória desses padrões modelares, que, sendo exemplos de virtude, funcionavam como espelhos em cujos feitos a sociedade deveria se mirar. Isso posto, é possível identificar tanto no caráter de *Vasco da Gama* como de *Dionísio de Ávila* o delineamento das virtudes primaciais do herói cortesão, pois ambos são caracterizados como homens de “armas” e “letras”, expressões que sugerem a conduta virtuosa dos protagonistas, a exemplo dos adjetivos *altivo, forte, sábio, soberbo, sublime, ilustre, temido*, termos que indicam traços essencialmente morais. Nesse tocante, apesar de a épica moderna se amoldar aos paradigmas antigos, cujos modelos tem-se a *Eneida* de Virgílio e a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero, é possível detectar distinções entre a épica antiga e a moderna, uma vez que a epopéia antiga enaltecia primordialmente a grandeza física dos heróis, como se pode observar nas *personas* notáveis de Homero. Percebe-se que, à medida que os séculos decorrem, “as personagens épicas vão-se desvestindo dos atributos físicos para se adornarem com valores morais”³⁰. Nesse sentido, tanto *Vasco da Gama* quanto *Dionísio de Ávila* têm as virtudes morais evidenciadas,

²⁹ MOREIRA, *opus citatum*, p. 134.

³⁰ CUNHA, Maria Helena Ribeiro da; PIVA, Luiz. *Lirismo e epopéia em Luís de Camões*. São Paulo Cultrix: Ed da Universidade de São Paulo, 1980, p. 52.

suas excelências dos feitos e primores de caráter sobressaem a qualquer outro quesito.

Relativamente à caracterização da figura do encômio, Adolfo Hansen informa que sua composição se dá por meio de preenchimento de lugares-comuns retóricos (*locia a persona*), isto é, por aplicações formulares que se afinam com o caráter virtuoso que os tornam dignos do encômio³¹ (homem discreto, ilustre, dotado de nobreza, de linhagem elevada, possuidor de força e habilidades bélicas e apreço pelas letras, ou seja, virtudes que fundamentam a dignidade da matéria panegírica), o que significa que esses códigos de honra são reiterados naqueles discursos como forma de edificar esses valores.

Ressalte-se que, embora o herói de *Os Lusíadas* seja um perfeito cortesão, sendo caracterizado como forte, alegre, sublime, atento, esclarecido, douto, ciente, prudente, valeroso, obediente, religioso, astuto e engenhoso, esses caracteres são, entretanto, insuficientes, segundo julgamento de Maria Helena Ribeiro e Luiz Piva, para alçá-lo ao patamar de super-homem: “Gama não é um super-homem. O poeta não no-lo caracteriza superior à condição humana”³², pois se nota em *Vasco da Gama* certas falibilidades humanas como o *cansaço*, *arreceio*, além de algumas falhas do entendimento, não obstante estar envolto num ambiente místico e constantemente ser agraciado com benesses divinais, como exemplificado a seguir:

No feio caminho a noite tinha anelado,
E, as estrelas no Céu, coa luz alhea,
Tinham o largo Mundo alumiado;
E só co'o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;³³

[...]

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente

³¹ HANSEN, João Adolfo. Pedra e cal: freiráticos na sátira luso-brasileira do século XVII, *Revista USP*, São Paulo, vol. 57, 68-85, 2003, 74-75.

³² CUNHA, Maria Helena Ribeiro da; PIVA, Luiz. *Lirismo e epopéia em Luís de Camões*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980, p. 52.

³³ CAMÕES. *Os Lusíadas*, canto II, estrofe 60.

Se fia da infiel e falsa gente.³⁴

[...]

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: "Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o Céu te favorece;
Serenos o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te."³⁵

Já a *persona* gregoriana, em toda a extensão do poema, aparenta virtudes que a fazem transcender à condição humana e, diferentemente do *Capitão de Os lusíadas*, é isenta de falhas, o que a aproxima, neste particular, dos heróis épicos antigos, quase sempre encenados como semideuses, o que pode ser notado, inclusive, pelo epíteto *Herói Númen*, no verso que principia o poema, como em toda a extensão do canto, como veremos em alternados excertos:

Debuxa em bronze, ou metal luzido
Insígnias tais, escreve este letreiro
"São as armas do sábio, e do temido
Dionísio de Ávila Varreiro"
Elas por este nome alto, e subido
Nome terão em todo o mundo inteiro:
Tu por elas lugar te tem a idade
Cam. No templo da suprema eternidade.

Com insultos, e roubos aleivosos
Não perdoando vida, casa, ou muro
Trinta e sete cruéis facinorosos
Roubam a Povoação Porto Seguro:
Para castigo destes criminosos
O fado destinou celeste, e puro
Esse braço, esse peito, esse conselho
Cam. Para leais vassallos claro espelho³⁶.

[...]

Qual raio, que o trovão tem despendido
Contra a Nau sobre o túmido alabastro,
E tendo-a a voraz fogo reduzido
Em mil pedaços faz o grande mastro:
Tal se mostrou nas matas o temido
Contra os inimigos valeroso Astro:
Prostrando tudo sem temer agouros
Cam. Com ferro, fogo, setas, e pilouros.

³⁴ *Idem, ibidem*, canto II, estrofe 6.

³⁵ *Idem, ibidem*, canto II, estrofe 61.

³⁶ MATOS, *opus citatum*, estrofe 6, p. 311.

[...]

Dentro do bosque teatro enfim eleito
Se trava a briga de uma, e outra parte,
Quebra-se a espada, e sem romper o peito,
Que há Deus mais poderoso, que o Deus Marte:
Zune o pilouro sem fazer efeito,
Voa a seta, porém a si se parte,
Que quis Deus despertar no ato presente
Cam. Com tal milagre os ânimos da gente³⁷.

Nessas estâncias destacadas, o herói é representado metonimicamente como braço, peito e conselhos celestes e puros, o que o tornam *espelho para os leais vassalos*. Em outra passagem, é temido e *valeroso Astro*, comparado ao raio de um trovão, assim qualificado pela destreza com que age contra os inimigos, “Prostrando tudo sem temer agouros”. Na estrofe 15, o herói é literalmente apresentado de forma magistral, encenando um “Deus mais poderoso, que o Deus Marte”, “Dentro do bosque teatro enfim eleito”, onde se trava a briga entre os criminosos e o ilustre guerreiro, inatingível diante dos ataques a ele desferidos.

Conforme se pode evidenciar, muitos são os elementos comuns aos dois poemas. Conquanto o poema gregoriano não constitua uma epopéia, vê-se o uso de vários expedientes que a retórica prevê ao discurso heróico, a exemplo do estilo, tópicos, entre outros observados, como também alguns elementos que demonstram a transparente imitação do poema camoniano, a exemplo da transposição de versos inteiros de *Os Lusíadas*, usados como mecanismo capaz de dar crédito ao poeta que se mostrava atento às orientações circulantes. Sublinhe-se que o ato de transpor reiteradamente versos de um poema de Camões, poeta que à época já compunha a lista dos notáveis, não constitui procedimento imotivado por parte do poeta imitador, senão uma forte alusão mimética de reprodução dos usos e até como reverência à magnitude do poeta emulado, ocorrência que a tradição poética e retórica do Seiscentos endossava.

³⁷ Idem, *ibidem*, estrofe 12, 314.

Referências

ALCAÇAR, Bartholomeo. *Delicioso jardim da Rhetorica, tripartido em elegantes estancias, e adornado de toda a casta de flores da eloqüência (...)*. Lisboa, Officina de Manuel Coelho Amado, 1750.

ALMEIDA, Pires de. Discurso sobre o poema heróico. (Manuscritos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Lisboa). In. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, a. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <www.ufes.br/~mlb/reel2/AdmaMuhana.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2007.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad., y notas por Miguel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998. (Estudos Gerais Série Universitária - Clássicos de Filosofia).

_____. *Poética*. Trad., pref., int., coment. de Eudoro de Souza. 5. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. (Estudos Gerais Série Universitária - Clássicos de Filosofia).

_____. *Aristotelos peri Poietikes. Aristoteles Ars Poetica. Poética de Aristóteles*. Edição trilingüe por Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1974.

_____. *Ética a Nicômaco*. 2. ed. Trad. Mário da Gama Khoury. Brasília: UnB, 1992.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (1524?). Introd. e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CUNHA, Maria Helena Ribeiro da; PIVA, Luiz. *Lirismo e epopéia em Luís de Camões*. São Paulo Cultrix: Ed da Universidade de São Paulo, 1980,

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1996. (Clássicos, 2).

GOMES, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, o Boca de Brasa: um estudo de plágio e criação intertextual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

_____. Barroco, neobarroco e outra ruínas. *Revista Teresa*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH. USP – n. 2, São Paulo: 34, 2001, p. 10-66.

_____. Retórica da agudeza. *Letras Clássicas*, São Paulo, v. 4, p. 317-342, 2002.

_____. *Pedra e cal: freiráticos na sátira luso-brasileira*. In: Revista USP, n.57, março-maio, 2003, p. 68-85.

_____. Práticas letradas seiscentistas. *Discurso*, São Paulo, v. 25, p. 153-183, 1995.

_____. A Civilização pela Palavra. In: Eliane Marta Teixeira Lopes; Luciano Mendes Faria Filho; Cynthia Greive Veiga. (Org.). *500 Anos de Educação no Brasil*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, v. 1, p. 19-41.

HORÁCIO, *Arte poética*. In: *A poética clássica/ Aristóteles, Horácio, Longino*. São Paulo: Cultrix:Edusp, 1981.

MATOS, Gregório de. *Obras Completas*. (Crônica do viver baiano seiscentista). Códice James Amado. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999, 2 vols. Disponível em: <<http://pt.wikisource.org/wiki/>>. Acesso em 01 fevereiro de 1998.

MOREIRA, Marcello. *Crítica Textualis in Caelum Revocata?: Prolegômenos para uma Edição Crítica do Corpus Poético Colonial Seiscentista e Setecentista Atribuído a Gregório de Matos Guerra*. 2001, 2 vols. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade de São Paulo.

_____. Ut pictura poesis: Análise bibliográfico-textual de dois membros da tradição de Gregório de Matos e Guerra. *Revista da USP*, São Paulo: v. 57, p. 86-103, março/maio 2003.

PÉCORRA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RABELO, Manuel Pereira (licenciado). Vida e morte do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos e Guerra. In: AMADO, James (ed). *Obras Completas de Gregório de Matos e Guerra - Crônica do viver baiano seiscentista*. Salvador: Janaína, 1969, 7 vol., tomo 7.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *Instituciones Oratorias*. Trad. Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier. Madrid, Librería de la viuda de Hernando y Cia, 1887. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.es>>. Acesso em: 15 de maio de 2007.

RIPA, Caesar. *Iconologia or, moral emblems*. London: Benj Motte, 1709. Disponível em: <<http://emblem.libraries.psu.edu/Ripa/Images/ripa0ii.htm>> Acesso: 20 de julho de 2008.

Anexos

Gregório de Matos

[Didascália]

AO DEZEMBARGADOR DIONIZIO DE AVILA VARREYRO
OUVIDOR GERAL DO CIVEL DESTE ESTADO DO BRASIL
INDO À PORTO SEGURO PRENDER TRINTA E SETE
FACINOROS QUE ANDAVÃO ROUBANDO, E MATANDO
NAQUELA POVOAÇÃO, SÔMENTE COM CINCOENTA
SOLDADOS DESTA PRAÇA E ALGUNS ÍNDIOS, LÃ
AGGREGOU AÇÃO QUE SEM O FAVOR DIVINO NÃO
PODERÁ CONSEGUIR ESFORÇO HUMANO.

1 Herói Númen, Herói soberano,
Cujos esforços, e conceito peregrino
Transcende os termos do limite humano,
E quase logra foros de divino:

Ouvi, se é, que as grandezas do Oceano
Cabem neste clarim tão pouco fino,
Que mais preclara tuba, e voz merece

Cam. **Quem a tamanhas cousas se oferece.**

2 Tu, que abres o cristal da Aônia fonte,
Ó doce Musa, se até agora ingrata,
Solta a corrente, porque em verso conte,
O que só cabe em lâminas de prata:
Fecunde esse cristal tão duro monte,
Que se fluido, e belo se desata.

Eu farei, que se admire no universo
Cam. **Se tão sublime preço cabe em verso.**

3 Sê pródiga comigo, porque vejo,
Que hei de cantar proezas levantadas,
E do ouro, que cria o Lago Tejo
Te farei uns pendentos, e arracadas:
Põe, Musa amada, fim ao meu desejo,
E terás para o colo as congeladas
Lágrimas puras, e no dedo amante

Cam. **Outra pedra mais clara, que diamante.**

4 Nesta do mundo a mais mimosa parte,
Em cujo soberano, e fértil pólo
Vos reconhece o mundo novo Marte,
Onde vos representa novo Apolo:
Inculcando o valor, engenho, e arte
Inveja dos murmúrios de Pactolo,
Mostrastes nesta ação, que tudo alcança

Cam. **Em uma mão a pena e noutra a lança.**

5 Para vencer os fortes adversários
Vibrastes valeroso a dura espada,
Para prender aspérrimos contrários
Inculcastes idéia celebrada:
Valor, e engenho foram necessários,
Porque soubesse a fama remontada,
Partistes tão guerreiro, quão fecundo

Cam. **Ameaçando terra, mar, e mundo.**

6 Com insultos, e roubos aleivosos
Não perdoando vida, casa, ou muro
Trinta e sete cruéis facinorosos
Roubam a Povoação Porto Seguro:
Para castigo destes criminosos

Camões

OS LUSÍADAS

Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tamanhas cousas se oferece. [IV, 82, p. 66]

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso. [I, 5, p. 18]

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com uma coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante. [I, 22, p. 22]

Vai César subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança,
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira. [V, 96, p. 206]

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álvares; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo: [IV, 14, [143]

"Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço, do velho acompanhado,

- O fado destinou celeste, e puro
Esse braço, esse peito, esse conselho
Cam. **Para leais vassallos claro espelho.**
- 7 Eram tiranos tais, e de tal sorte,
Que com nenhuma valia o medo, ou rogo,
Despojavam, feriam, davam morte,
Os povos assolando a ferro, e fogo
Qual atrevido rompe o muro forte,
Qual temerário cerca a casa logo,
Qual sem mudar cor, gesto, ou semblante
Cam. **Salteia o descuidado caminhante.**
- 8 Incultas matas nunca penetradas,
Subterrâneas cavernas, triste seio
Destes vandidos eram as moradas
Do maior coração maior recreio:
Aqui com tiranias desusadas
Era comum no roubo o bem alheio,
Deixando os povos, sítio, bens, e gados
Cam. **Mortos, perdidos, e desbaratados.**
- 9 Esta pública fama, que amedrenta
A todo coração, a todo peito,
Do Númen Português o braço alenta,
Que iguala seu valor ao seu conceito:
Intrépidos elege a cinquenta
Bem prevenidos para o grande efeito
Únicos escolhidos na Bahia
Cam. **Dos belicosos peitos, que em si cria.**
- 10 Luzidos todos, todos bem armados
O sítio buscam dos cruéis vandidos:
Voam as plumas, pendem os traçados,
E os perros das clavinas dão latidos:
Lestos vão bacamartes carregados,
E os peitos mais seguros que luzidos,
Rijos estoques, carregadas clavas,
Cam. **Partesanas agudas, chuças bravas.**
- 11 Mais forte, mais bizarro, mais ufano
O invicto cabo para a empresa parte,
Por arnês leva o peito do Tebano,
No talim por espada o mesmo Marte:
Em uma mão aperta o ferro cano,
Na outra o freio, e inquirindo à parte
Todo o valor, que leva por muralha
Cam. **Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.**
- 12 Qual raio, que o trovão tem despendido
Contra a Nau sobre o tímido alabastro,
E tendo-a a voraz fogo reduzido
Em mil pedaços faz o grande mastro:
Tal se mostrou nas matas o temido
Contra os imigos valeroso Astro:
Prostrando tudo sem temer agouros
Cam. **Com ferro, fogo, setas, e pilouros.**
- 13 Chegada a belicosa companhia
Do capitão valente industriada
Logo correu a fama, em como ia
E fugiu para o mato a gente irada:
Não sofre dilatação os da Bahia
Intrépidos buscando a emboscada,
Qualquer na mata salta tão ligeiro
Cam. **Que nenhum dizer pode, que é primeiro.**
- Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leais vassallos claro espelho. [VIII, 13, p. 277]
- O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos,
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual, no mês de Maio, o bravo touro,
Co'os ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante: [III, 66, p. 112]
- "E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos." [I, 81, p. 43]
- Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio o glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá com força ou manha
A Fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lhe não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria. [III, 17, p. 96]
- Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras;
Vêm arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partezanas agudas, chuças bravas. [I, 67, p. 39]
- Ali se vêem encontros temerosos
Para se desfazer uma alta serra,
E os animais correndo furiosos
Que Netuno amostrou, ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha. [III, 51, p.107]
- Olhai que ledos vão por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao Profundo! [X, 147, p. 387]
- Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co'a hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro: [I, 87, p.45]

- 14 Não val aos criminosos força, manha,
Golpes, reveses, tiros, e ameaços,
Mas buscando o seguro da montanha
Livrando as vidas vão nos próprios passos.
O Herói com os seus os acompanha,
Que é mais que humano esforço o de seus braços:
Bem se vê, porque em caso tão veemente,
Cam. **Mais peleja o favor do céu, que a gente.** Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmumini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
A quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida,
Que, em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente. [III, 82, p.118]
- 15 Dentro do bosque teatro enfim eleito
Se trava a briga de uma, e outra parte,
Quebra-se a espada, e sem romper o peito,
Que há Deus mais poderoso, que o Deus Marte:
Zune o pilouro sem fazer efeito,
Voa a seta, porém a si se parte,
Que quis Deus despertar no ato presente
Cam. **Com tal milagre os ânimos da gente.** **Com tal milagre os ânimos da gente**
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu Rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando, o Céu tocavam,
Dizendo em alta voz: — "Real, real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal!" [III, 46, p. 106]
- 16 Teme o bando inimigo a resistência
Da belicosa, e forte companhia,
Vendo ali com certíssima evidência,
Que o Céu propício a todos defendia:
Trata da fuga, deixa a competência
Última resolução da cobardia:
O Céu o quis assim: porque se veja,
Cam. **Que quem resiste, contra si peleja.** "E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado,
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja. [II, 49, p. 69]
- 17 Fogem cobardes, que é cobarde o vício
Tratando a cara vida com despego,
Qual porventura acha o precipício
Qual acha dita em se botar ao pego:
Não tendo já da liberdade indício
O criminoso bando iníquo, e cego,
Antes quer a mór risco aventurar-se
Cam. **Que nas mãos inimigas entregar-se.** Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam;
Saltando na água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se. [II, 26, p. 61]
- 18 Nada lhe val que o Cabo diligente
Futuros antevendo, inopinados,
Fiado em Deus anima a sua gente
Talvez com a espada, e tal com os brados:
Esta é ocasião (diz o valente
Jurisconsulto aos férvidos soldados)
Que sempre alcançará fama perfeita
Cam. **Quem do oportuno tempo se aproveita.** "Não será assim, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita." [I, 76, p. 42]
- 19 Isto ouvindo os belígeros guerreiros,
Bem que a maleza inculta os embaraça,
Raivosos acometem, quais rafeiros
Quando armado a novilho vêm na praça:
Rende-se o bando a tais aventureiros,
Que em duas cordas a um, e outro enlaça:
Assim o Cabo pôs em dura liga
Cam. **A vil malícia, pérfida, inimiga.** Uns vão nas almadias carregadas;
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios sutis da bruta gente.
Desta arte o Português enfim castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga. [I, 92, p. 47]
- 20 Prende homicida a mão a dura algema,
Ao pescoço grilhão férreo, e seguro,
Não porque o Númen seu esforço tema,
Mas por exemplo ao século futuro:
Qual temendo o patíbulo blasfema,
Qual por desesperado está seguro,
Temendo suas culpas desta sorte
Cam. **Que o menor mal de todos seja a morte.** "Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança,
Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte. [V, 44, p.189]
- 21 Enquanto ao ar os gritos atroavam,
Que os céus, e os corações duros feriam,
O seu mesmo despojo lhes mostravam,
Que com dobrada pena alheio viam:
De botões de ouro as mangas vêm tomadas,
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega;

- Pistolas, e espingardas, que atiravam,
Duros alfanjes, que um arnês abriam,
Guarnecendo-se tudo, o que se alega,
Cam. **Do metal, que a fortuna a tantos nega.**
- 21 Enfim permitiu Deus, que tudo ordena,
Esta ação, tão feliz, tão venturosa
Sem ferida, estocada alguma ou pena
Entre gente tão árdua, e belicosa:
Milagre augusto foi da Mão serena
Divina em tudo, em tudo poderosa,
Só um índio dirá com voz sentida
Cam. **Esta perna trouxe eu de lá ferida.**
- 22 Alegre com a empresa desejosa
Corta o Cabo a espessura, e busca a via,
Não faltando da esquadra criminosa
Algum, que não prendesse neste dia:
Marcha triunfando a gente belicosa,
Pasmam de ver os Filhos da Bahia
O sucesso, a prisão, os Rebelados,
Cam. **As armas, e os varões assinalados.**
- 23 Já divulgava a fama a novidade
Pela gente em contorno mais distante,
Porque as ruas pisava da cidade
O Númen dos vandidos triunfante:
Por ver o herói brasão da eternidade
O Povo corre, e muda de semblante:
Enchem a praça, ruas, e janelas
Cam. **Velhos, e Moços, Damas e Donzelas.**
- 25 Qual Paulo Emílio, quando entrou por Roma
Com Perseu preso, e sua fidalguia,
Sendo o despojo, que recolhe, e toma
Quatrocentas coroas, que trazia:
Vós mereçais mais numerosa soma,
Porque unindo ciência à valentia
Mereceis as marciais, também as de ouro
Cam. **Do Bacaro, e do sempre verde Louro.**
- 26 Chega a Palácio, onde é recebido
Com alegria, amor, e autoridade:
E depois que o sucesso foi ouvido,
Pôs o despojo aos pés da Majestade:
O Governador sábio, e entendido
De Pedro imagem, vendo a lealdade,
Valor, prudência, e esforço do sujeito
Cam. **Tais palavras tirou do esperto peito.**
- 27 Esse despojo, ó Herói sublimado,
Como de armas te foi, armas te sejam,
Com teu esforço insigne as tens ganhado,
No teu escudo eternamente estejam
Por elas conhecido, e afamado
Serás entre os Heróis, que mais se invejam,
Que bem merece ter armas por glória
Cam. **Quem faz obras tão dignas de memória.**
- 28 Debuxa em bronze, ou metal luzido
Insígnias tais, escreve este letreiro
"São as armas do sábio, e do temido
Dionísio de Ávila Varreiro"
Elas por este nome alto, e subido
Nome terão em todo o mundo inteiro:
Tu por elas lugar te tem a idade
Cam. **No templo da suprema eternidade.**
- E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pluma na gorra, um pouco declinada. [II, 98, p. 85]
- Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes, se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita. [V, 33, p. 185]
- As armas e os barões assinalados,**
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram; [I, 1, p. 17]
- Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio
Co'os os que vêm ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas. [VII, 49, p. 259]
- Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva,
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pisar de Mondego a fértil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva;
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro. [III, 97, p. 123]
- Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: [IV, 94, p. 170]
- "Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifônio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão é que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória." [II, 113, p.90]
- Em vós se vêem, da Olímpica morada,
Dos dois avós as almas cá famosas,
– Uma, na paz angélica dourada;
Outra, pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade. [I, 17, p. 22]

- 29 Essas armas com estes caracteres
Pinta no escuro de ouro transparente,
Porque o mundo conheca, sempre seres
Por Letras, e por armas excelente:
Desde a Tétis furiosa e flava Ceres
Teu nome se eternize permanente
Levando-o por assunto à doce Clio
Cam. **Desde o trópico ardente ao cinto frio.**
- 30 Assim disse, e parou, e eu assim faço,
Suspendendo a corrente à veloz Musa,
Pois quanto mais dissera, fora a um Traço
Breve gota das águas de Aretusa:
Não cabe a larga via em breve passo,
Dar conceitos a idéia já recusa,
E prosseguir mais avante fora erro,
Cam. **Ainda que eu tivera a voz de ferro.**
- "Vês: corre a costa que Champá se chama,
Cujá mata é do pau cheiroso ornada;
Vês: Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio. [X, 129, 381]
- Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro. [V, 16, p. 180]